



Olhar o Sul

Manuel Ennes Ferreira

mfereira@iseg.ulisboa.pt

CUSTOS DO TERRORISMO EM ÁFRICA

Na crónica anterior, à laia de conclusão, escrevia-se que a ocupação militar *ad eternum* para ajudar a combater o terrorismo, em África ou noutro lugar, não é a solução e, acrescentava-se, os custos económicos do terrorismo em África são pesadíssimos. Num oportuno e conciso artigo publicado no “Le Monde” do dia 6 deste mês, intitulado “Les politiques internationales sont inaptes à prendre en compte la complexité des sociétés sahéliennes” de Niagalé Bagayoko, presidente do African Security Sector Network, mostra-se os limites dos apoios e intervenções “porque ignoram o funcionamento e as regras das instituições locais e promovem o estabelecimento de instituições inspiradas no modelo legal racional ocidental”. E concluía: “Se os atores internacionais querem evitar encontrar-se presos na vingança de contextos” têm de tomar aquilo em consideração. As situações arrastam-se há anos. *Et pour cause*, há uma fatura galopante em custos humanos e económicos. Sete dos dez casos em que o terrorismo registou um maior aumento estão na África Subsariana (ASS). Embora em 2019 se tenha registado globalmente, face ao ano

O terrorismo desloca-se cada vez mais para África e o aumento dos custos económicos e humanos é um corolário

anterior, uma diminuição em 25% do impacto económico do terrorismo, foi na ASS que esse custo foi maior, isto é, 12,5 mil milhões de dólares (metade do total). Nesse ano, 41% dos ataques do ISIS ocorreram na ASS, confirmando uma cada vez maior deslocação do Médio Oriente para o continente africano. Entre 2007-2019, a preços constantes de 2019, África perdeu 171 mil milhões de dólares, correspondendo a mortes e a feridos cerca de 68 mil milhões USD. No Índice Global do Terrorismo, a Nigéria encontra-se na 3ª posição, a Somália na 6ª, a R.D. do Congo no 9º lugar e na dezena seguinte estão mais sete países africanos. Relativamente ao PIB, os custos económicos do terrorismo representaram 2,4% na Nigéria, 1,9% no Burkina Faso e no Mali ou 0,9% na República Centro-Africana. Só na Nigéria a perda total entre 2007-2019 foi de 141 mil milhões de dólares, com 5 mil milhões na Líbia e 2 mil milhões no Sudão e Camarões, entre os principais países afetados. Estes são alguns números, os quais, embora mais facilmente mediatizados, obliteram a realidade trágica do terreno com refugiados e deslocações internas massivas, impossibilidade de acesso à educação e à saúde, a destruturação das economias e do funcionamento regular das instituições, desrespeito pelos direitos civis e humanos ou, ainda e entre muitos mais, a assimetria daquelas consequências em grupos mais vulneráveis como as crianças e as mulheres. Até quando?

Professor do ISEG/ULisboa